



ESPECIAL

Impresso
Especial

9912176747/2007-DR/RJ

Faculdades
Católicas

CORREIOS

O JORNAL DA PUC DENTRO DA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários
Projeto Comunicar // Agosto de 2013



O Papa Francisco foi um sucesso midiático, durante a Jornada Mundial da Juventude. Imprimiu às imagens e sons o sentido da novidade que espantou e mexeu com as estruturas de comunicação. Atrás dessa admiração pode estar escondido um preconceito com relação à Igreja Católica, geralmente considerada como atrasada e não atenta ao contexto da modernidade. A própria mídia se rendeu à irradiação de uma atmosfera positiva da Jornada pela figura autêntica e verdadeira do Papa Francisco. Ele nem precisava falar. Seu corpo já dizia tudo, por qualquer ângulo que fosse mostrado. Mas ele também falou o que o mundo precisava ouvir. E foi além. Definiu alguns princípios para a Igreja retomar a missão de ser uma instituição transformadora das realidades perversas que se abatem sobre a vida social em todos os continentes. Parecia até um programa do seu pontificado que apenas se inicia. Não há como continuarmos numa cultura de violência, de destruição do meio ambiente, de manutenção dos privilégios, de todos os males que nos implicam, como responsáveis, se não mudarmos nossas atitudes. E apontou o remédio: o diálogo, em vez da luta e das guerras, o

sair de si, o encontro com o outro, sem imposição, mas pela acolhida e o exemplo vivido.

A cobertura realizada pelas redes de comunicação, em qualquer das plataformas, teve como vértice o Papa Francisco. Ninguém poderia imaginar que essa primeira saída do Vaticano gerasse o impacto e o consenso que acabou levando de roldão todos os planejamentos e racionalizações da Jornada Mundial da Juventude. Tudo caiu por terra, e até mesmo a chuva foi abençoada e se apresentou com uma estética inovadora. Das capas do Papa, vendidas pelos camelôs da cidade, aos dormitórios precários e as insuficiências estruturais para o acolhimento de mais de 3 milhões de peregrinos, tudo tornou-se virtude e beleza. Parece que o exemplo e as palavras do Sumo Pontífice contaminaram essa semana cinzenta e chuvosa com os raios de uma esperança irradiante. Tudo registrado em todos os meios de comunicação.

Neste número especial do Jornal da PUC, nossos estagiários exprimem as suas maneiras de pautar, apurar e relatar as vivências e crenças de uma juventude que busca a mudança de si, para, como consequência, mudar a sociedade. E o próprio Papa deu o mote: "ide, sem medo, para servir".



RENATA SPOLIDORO

Prof. Miguel Pereira
COORDENADOR-GERAL DO PROJETO COMUNICAR

EXPEDIENTE

Coordenador-Geral: Prof. Miguel Pereira. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. Jornalista Responsável: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Editora: Profª. Julia Cruz. Subeditora e Chefe de Reportagem: Profª. Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e diagramação: Profª. Mariana Eiras. Fotografia: Prof. Weiler Finamore Filho. Ilustração de capa: Prof. Diogo Maduell. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Angeluccia Habert,

Augusto Sampaio, Carmem Petit, Cesar Romero Jacob, Cristina Bravo, Fernando Ferreira, Fernando Sá, Julia Cruz, Lilian Saback, Mariana Eiras, Rita Luquini. Anúncios produzidos pela Agência de Propaganda da PUC-Rio. COMUNICAR - Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, S/401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail - redação: impresso.comunicar@puc-rio.br. Administração: pcomunic@puc-rio.br.

ÍNDICE

ARTIGO

4 Convencer pelo testemunho

A passagem do Papa na visão do Reitor da PUC-Rio

28 Sociedade jovem representada

CRÔNICA

6 O dia em que brinquei de ser gente grande

Repórter do Jornal da PUC relata a experiência de participar da cobertura de uma cerimônia reservada

ENCONTRO

5 Boas-vindas aos milhões de missionários do mundo

A emoção dos que acompanharam a missa celebrada por Dom Orani

7 Jesuítas se encontram com o Papa

PROFISSIONAIS

21 A Jornada dos jovens estagiários

22 Jornada mundial dos jornalistas

LEGADO

26 Lições de Francisco

JOVENS DO MUNDO

8 Esperança maior que fronteiras

9 Um hermano que olhou para o espelho

10 Colombianos convocam jovens ao compromisso com Cristo

11 Uma peregrina, um convite Divino e uma missão

A marcante história da jovem que descobriu a vocação para ser freira

12 Dificuldades que não são vistas

13 Noite diferente para uma voluntária católica praticante

14 Dois lados do Sacramento

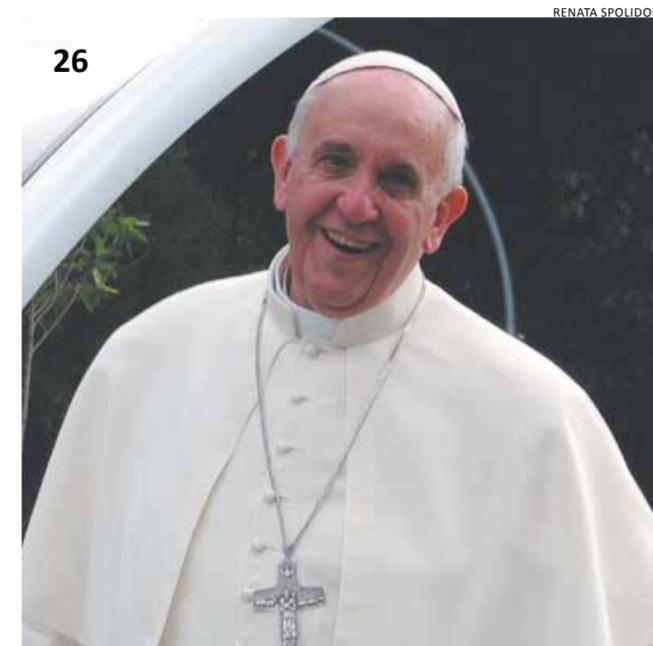
Padre e peregrina relatam a experiência de participar da Jornada Mundial da Juventude pelo Sacramento da Confissão

15 Atitude de fé

16 Catequese sem fronteiras

Índios Pataxós se destacam na multidão de fiéis na Vigília em Copacabana

26



RENATA SPOLIDORO

17 O 'povo de Abraão' na Jornada

17 A missão de evangelizar

18 As areias da fé e da esperança

Sacerdote mexicano escuta jovens fiéis sob o sol na praia de Copacabana

19 Compartilhar a mesma emoção

20 Polônia 2016: novo destino da juventude

O entusiasmo dos jovens católicos poloneses com o anúncio do Papa

PUC NA JMJ

24 Pluralidade de diálogo na Universidade

24 Juventude em encontro eucarístico

25 O jovem como guardião do meio ambiente

Evento paralelo à Jornada realizado na PUC-Rio enfatizou a importância da consciência ambiental

25 O mais, o maior e o melhor

Convencer pelo testemunho



Cansada dos discursos inflamados que não transformam concretamente a realidade; das inumeráveis cartas de boas intenções teóricas, elaboradas de maneira catabásica, ou seja, de cima para baixo, e rebuscadas de princípios que não conseguem encarnar na dimensão anabásica do chão da realidade; da persistência de atitudes que estão na contramão da ética; da ausência de referenciais humanos que sejam verdadeiros protagonistas de valores que sustentam em profundidade a existência humana, a sociedade corre atrás de pessoas que vivem e professam outra lógica, calcada no testemunho de simplicidade, de acolhida, de sensibilidade, de alegria e de proximidade.

Foi essa lógica, tão humana e cristã, que evidenciamos durante a visita do Papa Francisco ao Brasil. Quem esperava os longos e teóricos discursos carregados de inúmeras hermenêuticas, ou alimentou a expectativa de um palanque para remexer as feridas de muitos problemas complexos e de difícil consenso na sociedade, certamente se frustrou, pois a lógica do Pontífice foi a da simplicidade evangélica que prioriza a grandeza dos gestos que satisfazem, alegrem e saciam o coração dos que vivem concretamente os valores deixados por Jesus Cristo. A alegria sincera, a simplicidade

de vida, e o desejo de aproximar as pessoas foram os gestos significativos do Papa Francisco que mais sensibilizaram o coração das multidões. A clareza de sua mensagem corresponde à grandeza de seus gestos de tocar, beijar e abençoar os doentes, os sofridos, as crianças, os idosos, os jovens. Esta dinâmica é profundamente evangélica, pois as multidões que seguiam a Jesus tinham também este desejo de se aproximar e tocá-Lo, pois sabiam que a fé é uma força transformadora e libertadora. No Evangelho, não existem gestos de marketing, nem nada de midiático: ao contrário, manifestações de algo espontâneo de alguém que vive, acredita e professa sinceramente os valores deixados pelo Filho de Deus.

A jornada do Papa Francisco foi vivenciada em diferentes lugares, arrastando multidões e saciando os grandes desejos que brotam no coração da juventude. Ao contrário dos palácios que hoje se distanciam do povo, talvez pela falta do testemunho, o Papa deu prioridade ao contato direto com as pessoas, sem temer os perigos alardeados pelo sistema de segurança. Ele tinha a convicção de ser portador de esperança e, portanto, não havia o que temer. Em vez dos carros blindados e escuros que protegem e ocultam os que, paradoxalmente, foram escolhidos e eleitos pelo povo, o Papa preferiu

um carro simples e com vidros abertos, confiando na bondade e no afeto dos que aclamavam, gritavam e estendiam as mãos para serem tocados e abençoados. Sem se preocupar com elaborados discursos para cada público específico com quem teve contato, o Papa procurou expressar mensagens simples e compreensíveis na linguagem do povo e dos jovens, arrancando aplausos e emocionando as pessoas. Sua vida pregressa de pastor, vivida em Buenos Aires, como uma pessoa comum que andava em trens e ônibus e sempre valorizou o contato pessoal, marcou um estilo de vida evangélico que atrai e convence a todos, sobretudo, aos jovens. Seus gestos durante a Jornada Mundial da Juventude são uma continuidade daquilo que ele sempre viveu com verdade e sinceridade.

Neste sentido, sua vinda ao Brasil representa não uma visita de Chefe de Estado, mas a de um pastor e líder espiritual que dá testemunho daquilo que faz e proclama, convencendo as pessoas pela coerência entre o discurso e a prática. No contexto brasileiro atual, alguns ainda conservam a máxima dos fariseus do tempo de Jesus: “Façam o que mando, mas não olhem o que faço”. A única diferença hoje é que a sociedade pluralista e democrática já não tolera mais o distanciamento entre o discurso proclamado e a prática vivida.

Pe. Josafá Carlos de Siqueira, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

Boas-vindas aos milhões de missionários do mundo

Católicos se reúnem na missa de abertura celebrada por Dom Orani

JULLIA MENDONÇA
E LUÍSA LACOMBE

Mesmo com o frio de 18°C e uma chuva fina, cerca de 400 mil pessoas se reuniram na Praia de Copacabana, no dia 23 de julho, para assistir à missa celebrada pelo Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, O.Cist., de abertura da Jornada Mundial da Juventude (JM). No meio da tarde, diversos peregrinos já tomavam o calçadão e a areia da praia, para garantir um bom lugar na cerimônia. A maioria dos estrangeiros portava a bandeira dos países de origem e andava de mãos dadas.

O jovem venezuelano Cesar de Freitas, de 17 anos, disse que veio de Caracas para a Jornada com o objetivo de se aproximar de Deus.

– O evento está sendo importante para mim, pois me preparo para entrar em um seminário em setembro – contou Cesar, que estava hospedado no Colégio Santo Agostinho, no Leblon.

Diferentemente de Cesar, nenhum dos integrantes do grupo de amigos australianos,



Dom Orani Tempesta, ao centro, celebra a missa de abertura da Jornada Mundial da Juventude

Lisa Garland, 22 anos, Caden Yee, 19 anos, Caitlin Chaney, 20 anos, e Bem Mules, 20 anos, pensa em seguir o caminho eclesial. Assim como outros peregrinos, eles aproveitaram a oportunidade para também fazer turismo. Antes de chegarem ao Brasil, os quatro passaram por Lima, no Peru.

Na homilia, Dom Orani Tempesta destacou a importância de o jovem ser missionário nos dias de hoje, e a felicidade da cidade do Rio de Janeiro em receber milhares de peregrinos de diversas partes do mundo para compartilhar a fé e a alegria. O Arcebispo do Rio ainda dedicou a missa aos mortos das chacinas da Candelária e de Vigário Geral, ocorridas há 20

anos no Rio de Janeiro. Além disso, homenageou os jovens que morreram no incêndio da Boate Kiss, em janeiro deste ano, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

A cerimônia de abertura contou também com a apresentação de bandas católicas como Migueli, Rex Band, Missionário Shalom, Eros Biondini, Francisco Avello, Celina Borges, que subiram ao palco antes e depois da cerimônia.

A música foi um dos motivos que levaram Irmão Júnior, 26 anos, de Paranaguá, no Paraná, a participar da Jornada. Segundo o missionário da comunidade Milagre Eucarístico, o evento foi uma oportunidade de conhecer outros artistas. Mas, para o

seminarista, o mais importante de estar no Rio foi reconhecer a liturgia do Papa.

– Ele é o nosso Pai espiritual. Espero que ele venha falar para nós como Igreja, como religioso – revelou.

O Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, Cardeal Stanislaw Rylko, também participou da abertura oficial da Jornada Mundial da Juventude 2013.

Ele disse que os jovens devem confiar em Jesus, caso contrário, não haverá o encontro com a felicidade e a vida em plenitude.

– O Senhor reserva para cada um de vós tantas surpresas! Para todos vós serão dias inesquecíveis, dias de importantes descobertas, dias de escolhas decisivas para a vossa vida – afirmou. •

O dia em que brinquei de ser gente grande

“Não tenho ouro nem prata, mas trago o que de mais precioso me foi dado: Jesus Cristo”. Depois dessa frase, minha ficha caiu. Estava diante do Papa Francisco, da presidente da República, Dilma Rousseff, e com jornalistas de todos os lugares do mundo. Eu, com apenas 20 anos, no quarto período do curso de Comunicação Social, fui cobrir o primeiro discurso do Papa no Brasil, no Palácio Guanabara. Quando poderia imaginar que isso fosse ocorrer? Nervosismo, animação e tensão. Senti tudo ao mesmo tempo.

Mas minha ansiedade passou logo quando chegamos. Centenas de policiais militares na porta do Palácio. Uma sensação ímpar de segurança no Rio de Janeiro. Depois disso, foram apenas cinco horas de espera pelo Papa. Cinco horas à base de dois biscoitos, água, café e um suco sem gosto. Sim, esse foi o coquetel que nos foi oferecido. A partir daí, comecei a perceber que os jornalistas são tão “bem tratados” que precisam levar um lanche na bolsa, caso queiram matar a fome durante um plantão.

Enquanto não éramos chamados para a cerimônia, ficamos em uma área com mesas, o que facilitou a observação dos meus futuros colegas de trabalho. Certamente uns deviam achar que eram as estrelas do evento, principalmente alguns da televisão. Afinal, uma câmera na

mão vale mais do que um mero bloquinho de anotações de um repórter de jornal.

Quando soubemos que teríamos que ficar de pé, apertados e no fundo do salão da cerimônia, logo tive a certeza de que jornalista é “bem valorizado”. Melhor ainda foi sentir a simpatia dos “jornalistas estrelas da noite” nesse local agradável em que fomos colocados. No mínimo, achavam que tinham comprado cadeira cativa. O que chega a ser uma ironia, já que estávamos de pé.

As surpresas não pararam por aí. De repente, todos os jornalistas gritaram apontando para cima. Alguém disse que tinha um rato passeando pelo teto. Eu não vi. Mas logo pensei: talvez o animal quisesse conhecer o Pontífice também. Ou será que ainda era um resquício daqueles roedores das Laranjeiras que o Muricy Ramalho, ex-técnico do Fluminense, reclamava?

O discurso do Papa foi emocionante como já era previsto. Mas as emoções continuaram mesmo depois da cerimônia. Por conta das manifestações na frente do Palácio, o ônibus teve que andar de ré na nossa saída. As principais autoridades foram embora de helicóptero, é claro.

Apesar das horas de espera e das surpresas ao longo do plantão, foi uma experiência única, ainda mais para mim, uma estudante de jornalismo. E ainda percebi que é preciso ser gente grande para encarar a realidade jornalística.

Gabriela Mattos

ESTAGIÁRIA DO NÚCLEO DE JORNALISMO
IMPRESSO DO PROJETO COMUNICAR



FERNANDA SALES/JMI RIO 2013



ARQUIVO PESSOAL PADRE JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA

Jesuítas se encontram com o Papa

Na foto, da esquerda para a direita, o porta-voz da Santa Sé, padre Federico Lombardi, os professores do Departamento de Teologia da PUC-Rio, padre Luís Corrêa Lima e padre Alfredo Sampaio Costa, o Superior Regional da Amazônia, padre Adelson Araújo dos Santos, o Vice-Reitor da PUC-Rio, padre Francisco Ivern Simó, o Papa Francisco, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, o Diretor dos programas ‘Santa Missa’ e ‘Palavras da Vida’, padre Dionel Amaral, o Diretor da revista La Civiltà Cattolica, padre Antonio Spadoro, o professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE), padre Delmar Araújo Cardoso, e o professor do Departamento de Matemática da PUC-Rio, padre Paul Schweitzer

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., e um grupo de dez jesuítas participaram na sexta-feira, dia 26 de julho, de uma missa fechada celebrada pelo Papa Francisco. O encontro ocorreu às 7h30 na capela da residência arquiépiscopal do Sumaré e o porta-voz do Vaticano, padre Federico Lombardi, também estava presente.

No dia 26, a Igreja home-

nageava a memória dos pais da Virgem Maria, Joaquim e Ana, e comemorava-se o Dia dos Avós em vários países do mundo. O Pontífice fez questão de cumprimentar a todos atentamente. A homilia do Papa Francisco destacou a sabedoria e a experiência transmitidas pelos avós, apostadores da vida e do futuro que confiam aos netos a esperança de um mundo melhor. Ao voltar-se especialmente para

os confrades jesuítas, o Santo Padre rogou para que envelhecessem com sapiência para também exercerem a função de avós.

“E que a nós doe a graça de envelhecer com sabedoria, envelhecer com dignidade para sermos avós materiais ou consagrados espirituais”, pediu o Papa.

Após a missa, o Reitor e os demais jesuítas foram conduzidos de volta à Universidade. •

Passagem do Papa pelo Centro do Rio

Esperança maior que fronteiras



FELIPE MARQUES



BRASIL | CEARÁ

“Estou achando tudo sensacional. E olha que a Jornada mesmo nem começou”

Lucas Oliveira Costa

FELIPE MARQUES

Em comemoração à chegada do Papa Francisco ao Brasil, milhares de cores e de cores se confundiram e se mesclaram na tarde de segunda-feira, 22 de julho, no Centro do Rio. Peregrinos de todas as partes da cidade, do país e do mundo, com destaque especial para a América Latina, foram às ruas cariocas e enfrentaram horas de espera e de tumulto na esperança de ver de perto, por um momento, o novo ocupante do trono de Pedro. Nesse contingente de milhões de fiéis, Lucas Oliveira Costa, 24 anos, foi mais um dos que deixaram a casa e partiram em uma verdadeira jornada de fé e perseverança.

Natural de Fortaleza, no Ceará, e católico praticante, Lucas chegou ao Rio de Janeiro no sábado, 20. Hospedado na Glória com mais cinco pessoas – o pai, a mãe, a namorada e mais dois amigos –, Lucas estava no Rio pela segunda vez. A primeira foi quando ainda era criança. Agora, eles haviam economizado durante todo o ano para ver o Papa.

– Fiquei só dois dias, mas estou achando tudo sensacional. E olha que a Jornada mesmo nem começou – contou ele com um sorriso largo, caprichado, que tentava mascarar a ansiedade.

O figurino condizia com o personagem. Bermuda xadrez azul, sandálias de dedo marrons, óculos escuros arredondados sobre os cabelos crespos, camisa branca com a logomarca da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) e, nas costas, como se fosse a capa do Super-Homem, a bandeira de Fortaleza. Pendurado no pescoço de pele bron-

zeada repousava um pingente em formato de cruz, mas sem a ponta superior, com a palavra Lumen inscrita.

– É por causa da Obra Lumen, o nome do meu grupo religioso. Eles trouxeram mais de 200 pessoas para a Jornada – explicou.

O grupo de Lucas estava no Centro desde as 11h30. Eles acordaram cedo para ir às compras na Rua Uruguiana, almoçaram em um restaurante local e, aproximadamente às 13h, se colocaram a postos na grade para ver o Papa bem de pertinho. Pelos celulares alguns acompanhavam as notícias da chegada do bispo de Roma e, na velocidade do boato, logo todos estavam a par do que estava acontecendo. Helicópteros intermitentes percorriam os céus e as pessoas ficavam ainda mais impacientes. Eram cinco horas e o Papa estava saindo da Catedral Metropolitana, na Avenida Chile.

Quando as milhares de vezes se transformaram em uníssono “Francisco! Francisco! Francisco!”, bandeiras das nações participantes foram levantadas e câmeras e celulares de todos os tipos foram sacados pelos peregrinos. Toda a pluralidade de raças, idiomas e nacionalidades se tornou uma massa católica ligada pela fé. Lucas não sabia se filmava ou se olhava. Tentou fazer os dois. Em catarse com a visão do líder da Igreja, as pessoas se espremiavam, gritavam de alegria e choravam de emoção. O Papa acenou com carisma e simpatia. Para Lucas e para a maioria, tudo durou apenas alguns segundos. Segundos que jamais serão esquecidos. •

Oração Angelus Domini

Um hermano que olhou para o espelho

Argentino exalta a gentileza dos cariocas e vê no Papa o reflexo de seu povo

FELIPE MARQUES

A visita do Papa Francisco ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude despertou uma fé outrora adormecida nos fiéis católicos do mundo todo e, especialmente, nos argentinos, conterrâneos do novo Papa. Não importava qual o caminho do Pontífice, seus passos eram acompanhados por uma multidão de compatriotas. Na oração do Angelus, na Glória, no dia 26, não foi diferente. Marcelo Valiente, 26 anos, argentino de Gualeguaychu, estava lá.

Cerca de duas horas antes do pronunciamento do Papa, Marcelo permanecia em pé nos degraus de uma pequena escadaria no Largo da Glória, em frente à Rua Benjamin Constant. Ele estava envolto em uma bandeira pouco conhecida, próximo à grade que separava o público do trajeto que o papamóvel percorreria.

– É a bandeira da minha província. Acho que aqui seria equivalente ao que vocês chamam de estado – explicou.

Em sua primeira visita ao Brasil – na verdade, foi a segunda, mas Marcelo se recusa a considerar a viagem a Foz do Iguaçu como um destino brasileiro –, ele, a família e mais alguns amigos ficaram hospedados em um

apartamento em Copacabana. Naquele dia, Marcelo tinha esperança de que a bandeira que o protegia do frio da manhã ajudaria os companheiros a identificá-lo em meio ao mar de gente que começava a tomar o Largo do Glória.

Marcelo, que é arquiteto, também havia participado do encontro em Madri em 2010, mas não encontrou lá o entusiasmo e a mesma empolgação dos brasileiros. No entanto, não foi isso o que mais o surpreendeu no Rio de Janeiro, e sim a prontidão e hospitalidade dos cariocas.

– Aqui, quando você precisa de ajuda ou informação, todos estão dispostos a auxiliá-lo. Os brasileiros também são muito receptivos, calorosos... Não esperava que fosse gostar tanto do Brasil e do Rio. Quando saí da Argentina, sinceramente, pensei que essa viagem não seria tão boa quanto está sendo – comentou sorrindo.

O grupo de Marcelo tinha chegado há seis dias no Rio de Janeiro. Desde então, o único ponto turístico que haviam visitado era o Corcovado, no entanto, o mau tempo tornou a experiência pouco proveitosa.

– Fomos ver o Cristo, mas a névoa impediu que conseguíssemos ver alguma coisa – disse.

Da variedade de sabores que



REÑATA SPOLIDORO



ARGENTINA

a culinária carioca oferece aos turistas, o que mais despertou a sua atenção não foi um prato tipicamente carioca, mas mineiro: o pão de queijo.

– Foi a melhor coisa que eu comi por aqui – confessou.

Quando o Papa começou a se aproximar lentamente, as pessoas, que antes não arredavam os pés de seus postos, começaram a se movimentar na velocidade e no sentido do papamóvel. Nesse momento, Marcelo se desentrou da bandeira e começou a hasteá-la. Inicialmente ele a ba-

lançava com certa timidez, mas quando o Santo Padre adentrou seu campo de visão, ele impôs vigor aos movimentos, que lembravam o símbolo do infinito. Ele sorriu. Era a primeira vez que via o Papa desde que havia chegado ao Rio.

– Francisco é maravilhoso. Um exemplo de caráter e humildade, completamente coerente com a maioria do povo argentino – afirmou com um olhar fugidio, que mirava a entrada do Palácio São Joaquim, onde o Papa agora estava. •

Festa de Acolhida dos Jovens

Colombianos convocam jovens ao compromisso com Cristo

RODRIGO ZELMANOWICZ

A caminho da praia mais famosa do planeta, jovens do mundo inteiro foram para recepcionar o Papa Francisco. Eram peregrinos vindos de todos os continentes, cada um com uma história, uma cultura, mas todos com a mesma fé. Dentre eles, estava um grupo com bandeiras da Colômbia em volta de uma cruz repleta de assinaturas, esperando a passagem do Papamóvel na Avenida Atlântica.

Copacabana foi tomada por um milhão de pessoas para a Festa de Acolhida da Jornada

Mundial da Juventude, na quinta-feira, 25 de julho.

Os colombianos trouxeram a cruz da cidade de Valledupar, montada com as mesmas medidas daquela na qual morreu Cristo. Segundo um dos integrantes do grupo, Gilberto Vélez, a ideia era mostrar ao Papa como a juventude da Colômbia trabalhou, está ansiosa por mudanças e “louca” para seguir os passos de Jesus.

O grupo

surgiu do movimento Oremos por Colombia. Os jovens carregaram a cruz peregrina para os 32 departamentos (equivalente a estados) do país antes de trazê-la para a JMJ no Rio de Janeiro e conseguiram reunir mais de 10 mil assinaturas.

– O nosso país tem uma história de muita violência, e sempre politicamente se fazem leis, as pessoas trabalham para resolver os conflitos no Congresso, na Presidência, nas prefeituras, mas nunca se preocuparam em orar. O que este grupo faz é evangelizar, promover a oração e a mudança em todas as pessoas do nosso país – disse Vélez.

A Cruz Peregrina da Colômbia é desmontável e foi dividida em nove pedaços para facilitar o deslocamento – passou por Cachoeira Paulista, Aparecida e outras pequenas cidades, durante a Semana Missionária, na Pré-Jornada.

– O convite que se fazia aos jovens e a todas as pessoas que queriam era ter que se comprometer a se fazer um Cristo na cruz. E todo aquele que se comprometia fazia uma oração de consagração e escrevia seu nome na cruz. Então, todas essas assinaturas, uma sobre a ou-

tra, são dos jovens comprometidos a se fazer um Cristo na cruz – explicou Vélez.

De acordo com ele, ninguém do grupo tinha visto pessoalmente um Papa. Os olhos do colombiano brilhavam só de imaginar Francisco passando por eles.

– Nenhum dos nossos antecessores viu nem o Papa João Paulo II, nem Bento XVI, então é uma bênção e um orgulho ver o representante, o Vigário de Cristo nosso Senhor, aqui na Terra.

O grupo de colombianos ficou hospedado em casas de fa-

mília perto da Paróquia de São José, em Santa Cruz, na Zona Oeste. Eles conheceram o Maracanã, o Teatro Municipal e o Mosteiro de São Bento e se sentiram muito bem recebidos pelo povo brasileiro.

– Estamos gostando muito, estamos sendo muito bem acolhidos por todas as pessoas neste país, há muita colaboração de todos. O povo brasileiro está se comportando conosco como damas e cavalheiros, como se fôssemos daqui mesmo, nos fazendo sentir em casa – agradeceu Vélez. •



COLÔMBIA

WEILER FILHO

Festa de Acolhida dos Jovens

Uma peregrina, um convite Divino e uma missão

Jovem pretende seguir os caminhos da religião e se doar às crianças

LUANA CHAGAS

Emoção. Sentimento que tomou conta de uma jovem que há dez meses fez uma escolha. Durante a Festa da Acolhida, uma das celebrações da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), na quinta-feira, 25, Monica Zanforlin, de 23 anos, deixou evidente a vontade de ser freira. Promotora de turismo ambiental, ela mora em São Paulo e, para fazer parte do grande evento católico, aceitou o desconto de uma semana no salário.

Durante a caminhada na busca por um telão mais próximo, onde pudesse acompanhar o pronunciamento do Papa Francisco, Monica carregava um terço na mão direita e pulseiras na esquerda. Frutos de trocas feitas com peregrinos que encontrou pelos caminhos da Cidade Maravilhosa.

Monica revelou fatos marcantes da vida. Abandonada pela mãe aos 12 anos, ela vive com a avó paterna, mantém um contato frio com o pai e tem o carinho do irmão Rodrigo, casado, e que, apesar de viajar muito por conta do trabalho, nunca se esquece dos cuidados com a caçula.

Sobre a escolha de seguir mais intensamente os caminhos da Igreja, abdicando do mundo material, ela não titubeia:

– Mas isso não importa, hoje eu vejo uma missão ainda

maior para mim.

Monica deseja ser freira e quer, principalmente, cuidar de crianças. Para ela, ter sido abandonada pela mãe, ainda na adolescência, deixou uma lacuna

muito grande em sua vida, e a consciência de que os pequenos precisam de muito amor.

– O fato de ela ter me abandonado só me incentivou mais a doar para outras pessoas, principalmente às crianças, o amor que eu podia doar para minha mãe – comentou.

Mas em meio às lágrimas de alegria, por participar da JMJ, a peregrina se mostrou comum como todos. Revelou que “o chamado de Deus” já a deixou incomodada. Sabia que era o caminho certo, mas ainda não tinha coragem para isso. Foi no Bote Fé, um evento pré-Jornada, ocorrido em São José dos Campos, em São Paulo, que aceitou a sua missão. A partir daí, passou um fim de semana no convento das Carmelitas, e já programa outras visitas e uma conversa com o padre da paróquia que frequenta para dar rumo a essa escolha.

– A minha missão hoje é com a humanidade – disse.

Monica contou que foi uma adolescente como todas as outras. Durante o Ensino Médio, saía, bebia, fumava e namorava. Nunca foi uma católica praticante, mas por causa dos convites insistentes de um amigo, começou a frequentar a Igreja. No início, tinha a intenção de provar que podia seguir a religião sem ser uma “exagerada” – visão que tinha dos fiéis, sempre alegres e cantantes. Hoje se diz “pior” que os outros.

– E aí eu conheci um carinho, chamado Espírito Santo, que não me deixou ser essa devota simples e me fez até pior – brincou Monica.

Monica faz parte do Grupo de Orações São Dimas (GOSD), com o qual veio para a JMJ, rodeada de seminaristas e adolescentes animados, que ao início do Evangelho pediram que ela se unisse a eles. E Monica se despediu da repórter pedindo licença para o momento de oração. •



BRASIL | SÃO PAULO

JORGE PAULO

Via-Sacra

Dificuldades que não são vistas

GABRIELA MATTOS

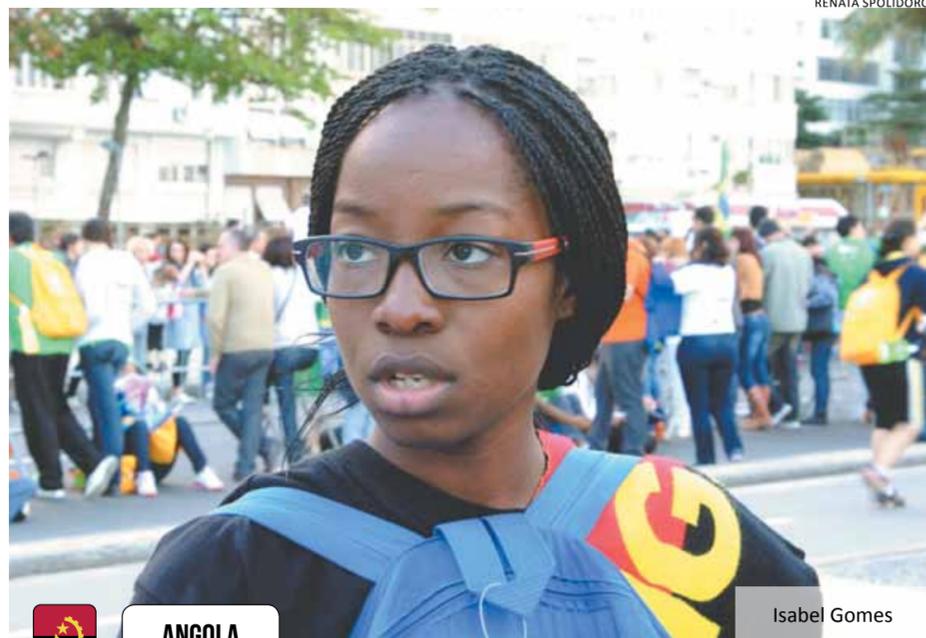
Nem mesmo o frio cortante abalou a euforia de um grupo de angolanos que assistiu à encenação da Via-Sacra, em Copacabana, na sexta-feira, 26 de julho. Os 15 amigos, moradores da capital Luanda, chamavam a atenção de quem passava pela orla com as músicas e danças. Por trás da animação, eles escondiam as dificuldades de um país que está em reconstrução pós-guerra civil.

Os jovens se conheceram durante a preparação para JMJ, em março, em Luanda. Antes de chegar ao Rio de Janeiro, eles estiveram na Semana Missionária, em Juiz de Fora, Minas Gerais. No Rio, ficaram hospedados na Paróquia da Ressurreição, em Copacabana. Foi a primeira vez que vieram ao Brasil e também a primeira participação em uma Jornada.

Aqui não se sentiram deslocados, já que têm idioma e culinária bastante parecidos. Apesar disso, estranharam a maneira como as missas são celebradas. Além da presença de bandas nas igrejas brasileiras, a bancária Solange Teixeira, de 26 anos, identificou a forma de vestir dos fiéis como algo diferente do que ela está acostumada a ver em Angola.

É raro ter uma banda em uma igreja angolana. Mas a indumentária foi o primeiro ponto que me chamou a atenção. Nós somos mais conservadores. Lá não se vê uma mulher que esteja com os ombros de fora ou com uma roupa que não cubra o joelho – analisou a bancária.

Receptivos e agitados, os



RENATA SPOLIDORO



ANGOLA

Isabel Gomes

angolanos animaram pessoas de diversas nacionalidades antes e depois da realização da Via-Sacra. Em diferentes momentos, o grupo cantava e dançava não só canções católicas, mas também da cantora brasileira Alcione. Quem via tamanha animação não imaginava as muitas dificuldades que Angola enfrenta até hoje.

– O país está em reconstrução e estamos tentando voltar à vida normal, trabalhando e estudando. Hoje você consegue utilizar a maioria das estradas das províncias. Não há mais o perigo de bombas – afirmou a estudante de Direito, Isabel Gomes, de 21 anos.

Católicos praticantes, os angolanos comentaram que a Igreja precisa mudar na forma

“A força da Igreja está nos jovens. Queremos que nos ouçam”

Helder Mequima

como ela lida com os jovens. Para o engenheiro de informática, Helder Mequima, de 24 anos, a instituição precisa se adequar à nova realidade para não perder mais fiéis.

– A força da Igreja está nos jovens. Queremos que nos

ouçam, por isso estamos aqui. Certamente o que pensamos hoje será a Igreja do amanhã – concluiu Helder.

Por terem participado de todos os eventos centrais da JMJ, os angolanos conseguiram ver o Papa Francisco bem de perto. Sentados na areia, próximos ao Posto 4 de Copacabana, eles acompanharam a Via-Sacra por um dos telões que foram espalhados pela praia. Apesar de não terem conseguido acompanhar as encenações de perto, não deixaram de ficar comovidos. A concentração nas palavras do Papa e nos momentos de oração, principalmente no Pai Nosso rezado em latim, substituiu toda a euforia que era visível anteriormente. •

Via-Sacra

Noite diferente

para uma

voluntária católica praticante



RENATA SPOLIDORO



BRASIL | RIO DE JANEIRO

LUÍSA LACOMBE

Ereram quase 18h quando a voluntária Ana Clara Brum se juntou aos peregrinos na Praia de Copacabana para ver a passagem do Papa Francisco. Mas quando ele passou, estava de costas, acenando para os fiéis do lado oposto da pista. Ana Clara não escondeu a frustração, mas tentou minimizar o fato.

– Uma amiga comentou que ver o Papa foi a experiência mais incrível de sua vida. Não sou assim, nem com o Papa, ou qualquer outra pessoa. Acho que sou meio errada – disse bem-humorada.

Ana tem 18 anos, nasceu no Rio, mora em Jacarepaguá, na Zona Oeste, e cursa Letras na UFRJ. Ela poderia ter sido mais um dos jovens levados para a Igreja pelos pais, mas na verdade ocorreu justamente o contrário. A família era de católicos não praticantes e foi a catequese no convento das irmãs de Nazaré, no bairro do Pechincha, que a aproximou da religião.

– Acho que fui eu que trouxe minha família de volta para a Igreja – brincou.

Ana Clara é o que se poderia chamar de “católica de carteirinha”: vai à missa, frequenta eventos e não teve dúvidas quando se inscreveu como voluntária na Jornada Mundial da Juventude (JM). Ela trabalhou no Terminal Rodoviário Alvorada, onde passava as noites auxiliando peregrinos perdidos. Naquela sexta-feira, 26, o objetivo era acompanhar a Via-Sacra, a encenação da crucificação de Jesus.

– Alguns amigos foram para a Jornada em Madri e disseram que esse foi um momento único, em que todos ficaram em silêncio, apenas observando – disse.

Mal o Papa chegou ao palco, localizado na praia, próximo à Avenida Princesa Isabel, os pere-

grinos começaram a caminhar, para acompanhar a Via-Sacra em tempo real. Ana Clara tentou fazer o mesmo, mas o número de pessoas não facilitava. A missão ficava mais complicada porque a maioria, para não se separar de seus grupos, caminhava (ou corria) de mãos dadas. Algo bem diferente de Madri.

Depois de andar por um tempo, Ana Clara conseguiu entrar na pista da Avenida Atlântica, antes fechada para a passagem do Papa, e depois reservada para voluntários. Mas o percurso continuou um pouco confuso. Todos tinham que parar em alguns momentos, para desafogar o caminho. O barulho era grande, e não dava para ouvir o que era dito nas estações da Via-Sacra.

Na volta, as filas na estação Siqueira Campos davam voltas no quarteirão. Ana Clara preferiu atravessar o Túnel Velho e pegar um ônibus em Botafogo. Foi direto para o Alvorada, repetir o esquema das outras noites. Depois de uma noite diferente do esperado, ela acredita que o saldo final foi positivo.

– Até certo ponto, a Jornada consegue mostrar a unidade da Igreja. Eu também não sei até que ponto é possível passar a emoção, afinal é tudo uma experiência individual. O importante é que assim temos oportunidade de viver essas experiências. O trabalho voluntário é uma outra forma de apoiar esse evento – completou.

A voluntária acredita que, nos dias de hoje, a simplicidade do Papa fará bem às pessoas. Para ela, a Igreja deve mudar, no entanto, percebe que é um processo lento.

– A Igreja é conservadora, o que significa que ela é a última a mudar, mas não que nunca vai mudar. Essa característica permitiu que ela esteja aqui até hoje – pensa. •

Confissão de Jovens

Dois lados do Sacramento



COLÔMBIA



MÉXICO

FOTOS FLAVIA ESPÍNDOLA

HUGO PERNET

Hospedado em um apartamento na Avenida Atlântica, o padre mexicano Luiz Pablo Garza, 46 anos, veio ao Rio de Janeiro, especialmente, preparar a alma dos católicos para receber o Papa. Durante quatro horas diárias, Garza seguiu a jornada de purificar os fiéis com o sacramento da confissão. As igrejas do bairro de Copacabana e a Quinta da Boa Vista foram os locais mais frequentados por fiéis para remissão dos pecados.

– É muito bonito dar o sacramento da confissão. As pessoas querem ficar próximas do Papa. Querem ganhar as indulgências. Para isso, é necessário se confessar e comungar. Um católico praticante deve se confessar mensalmente – destacou, enquanto esperava a liberação para entrar na Quinta Boa Vista, onde estava o Papa.

Abertos os portões às 10h30, os peregrinos entraram no parque meia hora após a saída do Pontífice. Na frente da área dos 50 confessionários havia quatro filas organizadas por idiomas. Em 30 minutos de espera em pé debaixo de sol, jovens, adultos e idosos conseguiram a absolvição do padre. A colombiana Diana Rodríguez, 29 anos, também esperava na fila para confissão em espanhol.

– Deus te limpa. No Brasil ou na Colômbia, ter a sensação dos pecados perdoados é incrível – ressaltou Diana, hospedada na Igreja Nossa Senhora da Conceição, no Engenho Novo.

Ao entrar na capela, em dez minutos, o sorriso da voluntária se transformou em pranto. Seguiu para receber o corpo de Cristo durante a missa, e se ajoelhou para rezar. Com os olhos fechados, imaginou a paróquia de Bogotá onde se reúne com 200 jovens nas noites de quarta-feira. Diana acredita no poder da oração, meio pelo qual é nomeado o líder da Asociación Comunidad Hijos de Cristo Vivo. Lá, não há padre, os cristãos são unidos por “um movimento laico”.

– Somos um grupo como os brasileiros: somos animados. Gostamos de cantar, bater castanholas e rezar. É maravilhoso rezar também aos pés do Cristo Redentor – afirmou.

Aprovado pelos fiéis, o design dos confessionários, assinado pelo arquiteto espanhol Ignacio Iñiguez de Onzono, recebeu a bênção do Papa. Inspirado no Corcovado, o modelo serviu de assento para 60 mil penitentes e para 100 padres, brasileiros e estrangeiros. Em São Cristóvão, o Pontífice ouviu a confissão de cinco jovens, na sexta-feira, dia 26. •

Confissão de Jovens

Atitude de fé

NICOLE LACERDA

Quarenta horas de viagem em um ônibus para chegar ao Brasil não atrapalharam a vontade dos paraguaios Edivandro Berto, 19 anos, e Anarcio Ruiz, 22 anos, de participar da Jornada Mundial da Juventude. Um dos eventos mais aguardados por eles foi a Confissão de Jovens na Quinta da Boa Vista, na sexta-feira, 26, onde foram montadas 50 tendas para receber os peregrinos.

A ansiedade marcou a espera dos jovens para o encontro com o confessor. Edivandro comentou sobre a dificuldade que tem para se confessar em sua paróquia. Segundo ele, a proximidade com o padre da sua igreja é um empecilho para se abrir. Para o rapaz, foi uma oportunidade única, pois o sistema de confissão da Jornada facilitou a aproximação dos fiéis com a Igreja.

– A confissão foi diferente. Toda a JMJ faz a gente pensar na vida, em nossos erros, eu reconheci diante do padre o que fiz de errado, mostrei meus problemas, e ele me ajudou com sábias palavras – comentou após ter se confessado com um padre que falava espanhol.

Os amigos passaram por uma preparação espiritual antes da confissão. Anarcio observou que foi um momento pessoal de reflexão. Segundo ele, antes da confissão é importante fazer um exame de consciência, o indivíduo deve refletir sobre seus atos mentalmente. Ambos consideram a confissão um ato muito importante da Igreja Católica, indicado pela Bíblia, o “Livro da Vida”.

– A confissão está escrita na Bíblia, e a Bíblia serve para ontem, hoje e sempre – ressaltou Anarcio.

Foi a primeira vez que os dois participaram da JMJ. Eles vieram sozinhos em uma excursão que passou por diversas cidades do país buscando peregrinos e acabaram se conhecendo durante a viagem. Ao todo, foram 40 horas na estrada.

No Brasil, os dois ficaram hospedados com mais nove homens em um apartamento de dois quartos e dois banheiros, em Olaria, Zona da Leopoldina, oferecido por uma fa-



Edivandro Berto



PARAGUAI



Anarcio Ruiz

FOTOS FLAVIA ESPÍNDOLA

mília de cinco pessoas. Com a convivência diária, os 11 peregrinos fizeram amizade entre si e com a família que os acolheu tão bem.

– Eram cinco minutos para cada um no banheiro – comentou Anarcio.

– A mãe se tornou uma segunda mãe para mim – acrescentou Edivandro.

Edivandro trouxe R\$ 300 para a viagem, quantia que foi insuficiente. Em três dias, o peregrino gastou tudo e ficou dependente dos novos amigos. De qualquer forma, o jovem achou tudo muito caro no Rio de Janeiro.

– No Paraguai, com R\$ 5 você come um prato cheio. Aqui com essa quantia só consigo comer um misto-quente – brincou.

Apesar dos perrengues enfrentados, em nenhum momento os peregrinos

mostraram arrependimento. Pelo contrário, estampavam um sorriso no rosto por ter a oportunidade de participar de um evento tão importante para Igreja Católica. Edivandro se disse surpreendido com a Jornada.

– O povo que veio participar é unido. Mesmo com as dificuldades de idioma, nos entendemos pelos gestos. Todos tiveram muita vontade de conhecer o próximo – observou.

Os dois expressaram o desejo de um dia o Paraguai sediar uma Jornada Mundial da Juventude. Para eles, o país tem estrutura e oferece belezas que o mundo precisa descobrir.

– Somos um país unido pela fé. O Paraguai é uma união de culturas, tem brasileiros, alemães, franceses. Seria uma ótima oportunidade para o país. •

Vigília de Oração

Catequese sem fronteiras

FELIPE MARQUES
E GABRIELA MATTOS

Entre as muitas tribos que participaram da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), um grupo em especial se destacou no meio da multidão de peregrinos: os índios Pataxó da Reserva Coroa Vermelha, no sul da Bahia. Eles participaram da vigília na Praia de Copacabana, no sábado, 27. Mais cedo, fizeram a caminhada da Central do Brasil, no Centro, a Copacabana, na Zona Sul da cidade. Ao todo, foram 9,5 quilômetros percorridos.

Incomodadas com o frio carioca que se estabeleceu na semana da Jornada, Guaiçan Florença de Jesus, 22 anos, e Jaqueline Silva Ferreira, 13 anos, chegaram à cidade na segunda-feira, 22, com mais 41 indígenas jovens da re-

serva onde vivem.

– A peregrinação foi boa, muito animada. Como o percurso era longo, tivemos que fazer pausas para nos alimentarmos. Mas eu adorei, nunca tínhamos visto tanta gente, de tantos lugares, unida por um mesmo propósito. Muitos índios nunca haviam feito nada parecido – afirmou Jaqueline.

Os índios foram acolhidos por uma casa espírita em Campo Grande, Zona Oeste, e, para a maioria deles, foi a primeira vez em terras fluminenses. Mas não foi fácil sonhar com a possibilidade de participar da JMJ. Os jovens de Coroa Vermelha tiveram que trabalhar duro para chegar aqui.

– Como o custo é muito alto, nós fizemos de tudo para que pudessemos vir, campanha, e pedimos doações – contou Guaiçan.

Jaqueline está na escola e a aula que ela mais gosta é a de desenho. Tem certeza que quer se dedicar à arte. Já Guaiçan está na universidade, no segundo período de Serviço Social. O desejo de ajudar o próximo nasceu nas obras de caridade que a Paróquia Sagrada Família desempenha em sua aldeia, que tem um forte afluxo de turistas por causa do desenvolvimento de atividades artesanais. Guaiçan e Jaqueline se entristecem com o preconceito por parte de alguns.

– Sofremos preconceito. Violência física não. O índio é muito discriminado, acham que índio é muito preguiçoso. Nós trabalhamos fora, fazemos universidade. Podemos ter telefone, podemos ter contato. O índio também se desenvolveu junto. Podemos ter os benefícios que os outros têm – desabafou Guaiçan.



FOTOS RENATA SPOLIDORO

Guaiçan Florença



BRASIL | BAHIA

E Jaqueline completou com um exemplo que ocorreu recentemente.

– No Rio, mais cedo, queríamos entrar em um mercado, mas nos disseram que não podíamos entrar desse jeito – contou ela, cujo figurino condizia ao estereótipo do índio, de tangas, cocar e poucas peças.

Na Jornada, no entanto, foi diferente. Quem via o grupo de Guaiçan nas proximidades do Posto 3 demonstrava um misto de admiração, espanto e até

incredulidade. Uma japonesa, encantada pelos colares artesanais produzidos pelos índios, se aproximou e tentou se comunicar, mas foi malsucedida e desistiu. No geral, as duas se sentiram acolhidas pelo povo carioca.

– As pessoas aqui gostam bastante de nós. Quando chegamos éramos uma atração para as pessoas... Começamos a cantar e dançar e eles tiraram fotos, é ótimo difundir a nossa cultura, que não está morrendo, está prosperando – pontuou Jaqueline. •



Jaqueline Silva

Vigília de Oração

O ‘povo de Abraão’ na Jornada



RENATA SPOLIDORO



ASSÍRIA

RODRIGO ZELMANOWICZ

Mais de três milhões de peregrinos se reuniram na Praia de Copacabana para participar da Vigília, no dia 27 de julho. Em meio à multidão que aos poucos levantava acampamento na areia, mais de cem jovens chamavam a atenção hasteando bandeiras pouco comuns. Vindos da Paróquia St. Thomas, de Paris na França, eles representavam a Assíria.

Entre a maioria francesa, quatro meninas armavam os colchões de ar para pernoitar na “Princesinha do Mar”. As irmãs Nina, 19 anos, Lisa, 21, e Linda

Yaramis, 24, e a amiga da família Sibel, 30, não eram intrusas naquele grupo. Como todos ali, queriam mostrar que os assírios estão vivos. Mesmo após séculos de perseguições e migrações, “o povo de Abraão”, como elas se denominam, originário da antiga Mesopotâmia, resiste. E elas vieram para a Jornada dar dois testemunhos: de existência e de fé.

Segundo as meninas, os assírios não têm um lugar demarcado territorialmente, o que faz com que fiquem espalhados pelo mundo. O povo assírio carrega as tradições consigo. Eles falam aramaico, a língua de Cristo, levam a bandeira assíria

para todos os lugares e transmitem a religião cristão-católica de geração em geração.

Com um senso de humor bem apurado, a irmã mais nova Nina, disse se sentir acolhida pelo povo brasileiro para expressar sua fé, diferentemente do que acontece na Bélgica, mas deixou escapar uma reclamação.

– Estamos dormindo numa sala de aula do Colégio Notre Dame, com mais 15 meninas e estamos sempre atrasadas, porque elas ficam retocando a maquiagem ou escolhendo e trocando toda hora a roupa para sair. Mas fora isso, está tudo maravilhoso – brincou. •

A missão de evangelizar

HUGO PERNET

Praia de Copacabana, sábado, 18h. Sentado sozinho sobre a areia do Posto 5, um jovem tinha um livro nas mãos. Os óculos não escondiam a concentração na leitura litúrgica. Na areia, milhares de peregrinos estavam em polvorosa. Mas os olhos asiáticos de Ace Valdez, 26 anos, permaneceram atentos ao lema da Jornada, “Ide e fazei discípulos entre todas as nações”. Lembrou do pai, que morreu em 2011, da mãe e da irmã, deixados, há seis anos, na penúria de Las Piñas, nas Filipinas, para seguir a missão de evangelizar o mundo. Desde então, vive no seminário em Monza, na Itália.

– É necessário ter mais missionários para a difusão da

fé. Não apenas padres, mas pessoas que transmitam a fé. Pois cada um tem algo diferente para acrescentar na missão de evangelizar – destacou Valdez.

O seminarista dormiu sobre o frio da areia da praia, como milhares de féis que perambulavam.

– Viver o espírito da Jornada é importante. Aqui todos se reúnem para dizer que somos a família de Jesus – ressaltou Valdez, que participou também da Jornada em Sidney, em 2008.

Valdez ficou hospedado no colégio Rodrigo Otávio, na Ilha do Governador. Ele, um indiano, um mexicano e um costamarfinense foram selecionados entre 30 seminaristas.

Antes da JMJ, Valdez desembarcou no Mato Grosso do Sul. Lá, ele auxiliou na celebração de missas e na realização de aulas de catequese para os índios da região.

– O importante é evangelizar. Temos Cristo, ele é a solução para tudo – afirmou. •



FLAVIA ESPÍNDOLA



FILIPINAS

Missa de Envio

As areias da fé e da esperança

FELIPE MARQUES

A última missa do Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude levou mais de três milhões de fiéis, de 150 nações diferentes, para a orla de Copacabana, no domingo, 28. Os católicos, sintonizados pela fé e pela recepção mais novo sucessor do trono de Pedro, aguentaram firmes o sol incessante e o calor de 27°C para se despedirem do Pontífice, que retornou para Roma na noite do mesmo dia. Todos estavam lá para participar da celebração ministrada pelo próprio Francisco. Alguns mais do que isso. Rodrigo Nunes, padre mexicano de 35 anos, se dedicou a realizar a confissão de fiéis antes e durante a solenidade.

Formado no seminário há seis meses e natural de Guadalajara, era a primeira vez de Rodrigo no Brasil. Ele e um grupo de mais 13 pessoas estavam hospedados desde o dia 19 de julho no Colégio Everest, na Barra da Tijuca, Zona Oeste. O que mais surpreendeu Rodrigo nessa viagem ao Rio de Janeiro foi a gentileza das pessoas.

– Os brasileiros são muito gentis, são maravilhosos e estão sempre dispostos a ajudar o próximo – afirmou.

Rodrigo contou que se tornou padre para seguir o exemplo de Jesus Cristo. De túnica branca, ele chegou à Praia de Copacabana com o grupo de mexicanos por volta das 8h. Ele explicou que a estola púrpura que pendia

dos ombros, segundo a significação das cores, indicava espiritualidade e purificação nos níveis físico, mental e emocional. E era isso o que ele pretendia proporcionar aos que resolvessem obter o perdão dos pecados cometidos. A energia para realizar as confissões sob o sol carioca vinha do Papa Francisco que, para ele, possuía vigor ímpar.

– Francisco é um exemplo de vigor. Em todos os dias no Rio, sempre vimos que ele estava dando o máximo de si para estar próximo às pessoas. É o que eu estou tentando fazer aqui – assinalou.

Nas proximidades do início da missa e conforme a praia apinhava de pessoas, uma fila de confissão formou-se à frente de Rodrigo. Em média, ele levava cerca de cinco minutos para ouvir os infortúnios dos fiéis, para aconselhá-los e redimi-los. À medida que o público se animava, a temperatura e o sol pareciam ficar mais intensos e, ainda assim, o padre permanecia ouvindo as confissões. No meio do suposto maior *flash-mob* da Terra, ele atendia; enquanto Dom Orani Tempesta, Arcebispo do Rio de Janeiro, se pronunciava, o padre mexicano permanecia calado e atento ao que lhe diziam. O mesmo ocorreu quando o Papa Francisco proferia a homilia.

– A fé é uma chama que se faz mais viva conforme é compartilhada – disse o Papa.

Nesse momento, através dos óculos firmes em um nariz suado, Rodrigo olhou para o Pontífice. •



Missa de Envio

Compartilhar a mesma emoção

NICOLE LACERDA

O desejo de compartilhar a fé com milhares de pessoas foi o que motivou os peregrinos italianos Maria Marinelli, de 21 anos, e os irmãos Stefano Andreani, de 23 anos, e Lucia Andreani, de 20 anos, a participar da Jornada Mundial da Juventude (JM). Vizinhos do Papa, os jovens não hesitaram vir para o Rio de Janeiro ao encontro de Francisco.

Concentrados na Santa Missa, no domingo, 28, sentados em meio à multidão, à beira do mar de Copacabana, os jovens ouviam o Evangelho com fones de ouvido. Maria, que participou pela segunda vez da JM, comentou sobre a sensação de felicidade que sentiu ao participar da missa.

– As pessoas que estão comigo compartilham a mesma emoção. A praia é bonita, tem uma boa vibração, isso fez eu me sentir bem.

Católicos praticantes, os peregrinos falaram da importância de estar sempre em contato com Deus e seguir o caminho do catolicismo. Segundo Lucia, que participou pela terceira vez do evento, “nada é impossível para Deus”, que sempre quer o melhor para as pessoas.

– Ele já operou muitas vezes em minha vida, ainda mais quando eu estava triste, em dificuldade – contou a moça.

Para Maria, a simplicidade do Papa Francisco é o que mais a encanta, os três concordaram que o Pontífice lidera de uma forma original, pois não quer ser visto como uma pessoa de poder, e se iguala às pessoas.

– Se ele tem o Espírito Santo,



“Vou levar daqui a experiência e o sentimento de que não estou só”

Maria Marinelli

não importa se é europeu, latino, alemão, argentino, polonês – ressaltou Maria.

A experiência sociocultural foi o que motivou os jovens a participar da JM. Na Itália, o Brasil é famoso pela criminalidade. Lucia se impressionou com a grande diferença entre a pobreza e a riqueza do país. Maria, que morou no Peru, veio para o Brasil com a família de Lucia e Stefano, o que tranquilizou os pais da moça, que consideraram o Brasil tão perigoso quanto o Peru. Já Stefano, lembra dos pontos turísticos daqui.

– Quando pensamos em Brasil, em primeiro lugar pensamos

no futebol, depois no Corcovado, e em terceiro, na criminalidade – brincou Stefano, que participou pela quarta vez da Jornada.

Apesar da impressão negativa que os italianos tinham do Brasil, a JM os surpreendeu positivamente, eles acharam as pessoas muito alegres. Para eles, os brasileiros demonstram a fé de uma forma única, com um bom astral.

– Vou levar daqui a experiência e o sentimento de que não estou só. Com a JM percebemos milhões de pessoas que pensam da mesma forma e compartilham a mesma fé – observou Maria. •

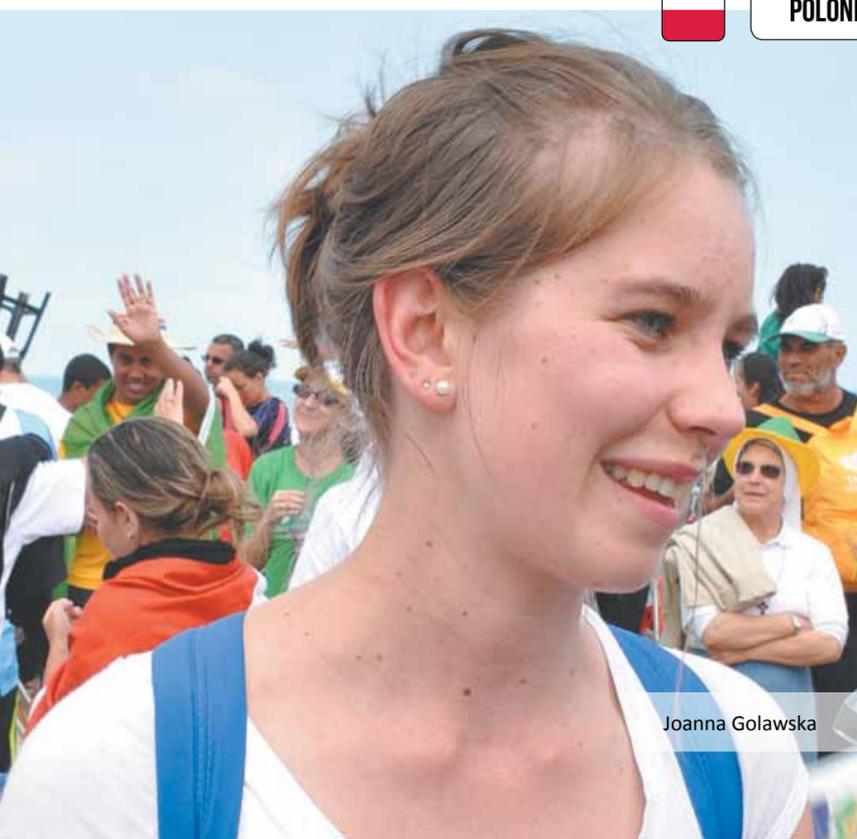
Missa de Envio

Polônia 2016: novo destino da juventude

Ao fim da cerimônia,
peregrinos começam a fazer
planos para a próxima Jornada



POLÔNIA



Joanna Golawska

JORGE PAULO

NICOLE LACERDA

Cracóvia 2016. O Papa Francisco deu o pontapé inicial para a próxima Jornada Mundial da Juventude ao anunciar a Polônia, ao fim da missa de encerramento do evento, como o novo ponto de encontro dos jovens católicos. Em meio aos três milhões e meio de presentes na Santa Missa, no domingo, 28, sorrisos poloneses esperançosos, exaltados com a bandeira do país, surgiram na praia de Copacabana.

As jovens Joanna Golawska, de 25 anos, e Agnieszka Kania, de 21 anos, já faziam planos para próxima JMJ. As duas, que já participaram de outras Jornadas, concordaram que o evento no Brasil teve um gostinho especial. Não economizaram elogios para os cariocas. Joanna se mostrou encantada com a cidade, e, independentemente da dificuldade da língua, todos eram amáveis e estavam sempre prontos para ajudar.

– Como fui voluntária, visitei diferentes paróquias da cidade, assim pude conhecer melhor a cultura do país e as pessoas que vivem aqui – contou a jovem.

A estudante Agnieszka confessou que esperava a Polônia como sede da próxima Jornada, porém, a felicidade ao ouvir o anúncio do Papa foi tão grande que parecia uma grande surpresa. A jovem confirmou suas expectativas ao chegar ao Brasil: ela considerava os latino-americanos um povo mais vivo, que vive a fé com mais alegria e energia. E é o que ela deseja para a JMJ em seu país.

– Na Polônia, somos mais calmos, fazemos mais oração em silêncio, canções lentas, meditações. Aqui tudo parece ser mais vivo. Tenho a impressão de que a fé é mais viva. Quero que essa Jornada e essas pessoas de diferentes nacionalidades que estarão presentes lá sejam algo positivo para o país inteiro. Não só para os jovens, mas também para os mais velhos. Quero ver todos muito alegres, dançando, cantando, bailando para glória de Deus.

Pela terceira vez em uma Jornada Mundial da Juventude, Joanna considera Francisco um Papa diferente. Segundo ela, ele é “genial” na forma como atua, no jeito como fala, e, para ela, ser argentino é o que menos importa, pois “Deus não vê nacionalidades”.

– É o Papa que precisamos no momento. É o Papa do nosso tempo, simples, mas que sabe o que quer, ele é muito concreto – observou a moça.

Para Agnieszka, ser católica é viver segundo o evangelho, segundo a palavra de Jesus. Ela considera que a vida faz mais sentido quando Deus está presente. A fé transmite para ela uma alegria verdadeira, diferentemente de um vício. Joanna tem a mesma opinião. Para ela, a fé é uma alegria que deve ser compartilhada com o próximo. Segundo as peregrinas, é possível sentir a fé dos brasileiros ao olhar para cada um e ver a alegria esbanjada no rosto.

– Sempre ouvi que o povo brasileiro é amigável, ouço muito falar do carnaval. Acho que a JMJ foi parecida com o carnaval, as pessoas ficaram tão abertas quanto no carnaval, porém não queriam dançar samba, estavam festejando a fé – comentou Agnieszka. •

A Jornada dos jovens estagiários

Futuros jornalistas têm a experiência de cobrir um grande evento

LUANA CHAGAS

A lugar um banquinho para ter o melhor ângulo do Papa na chegada à Cidade Maravilhosa, correr pela multidão nas areias de Copacabana, usar todo o inglês para se comunicar com vietnamitas, coreanos, poloneses. Momentos que fizeram toda a equipe de estagiários do Projeto Comunicar esquecer o frio e a chuva – atípicos da cidade – para participar da Jornada Mundial da Juventude (JM).

Não teve sábado, domingo, feriado, mas, com certeza, houve acúmulo de experiências e a prova de que os aspirantes a profissionais de comunicação são capazes de desenvolver uma grande cobertura. Quarenta estagiários dos núcleos de assessoria, jornalismo impresso, rádio e TV foram às ruas cobrir os sete dias da JM. Naquela semana, todos eram profissionais, e tinham o dever de trazer uma matéria pronta. Para isso, todos trabalharam em equipe e usaram um jeitinho malandro para enfrentar a multidão.

Os repórteres, cinegrafistas, assessores de imprensa e fotógrafos levaram mais do que uma credencial do evento para casa. Repórter do Núcleo de TV do Comunicar, Ludmila Pimentel trabalhou intensamente na Jornada e, na busca pela imagem perfeita, pediu ajuda a uma jornalista de uma grande emissora. E foi acolhida.

– Eu estou exausta, mas no final tudo valeu a pena. Eu pedi

ajuda à pessoa certa. Ela nos ajudou a entrar no PIT (local exclusivo para imprensa) e depois já puxava a gente com ela. No final, eu queria abraçá-la – disse Ludmila, no dia do encerramento.

Assim como ela, a repórter do Núcleo de Jornalismo Impresso, Nicole Lacerda, passeou pelas areias abordando os mais diversos peregrinos, do Oiapoque ao Chuí, da Argentina à Polônia. No encerramento da JM, ela descobriu que a Cracóvia estava logo ali, na praia de Copacabana, perto do palco. Eufóricos, os poloneses comemoravam por terem sido escolhidos como os novos anfitriões da JM.

RENATA SPOLIDORO



Ludmila Pimentel, da TV PUC, com a cinegrafista Victória Rocque



Nicole Lacerda, do Jornal da PUC, entrevistando uma peregrina polonesa



Pedro Magalhães, da Rádio, com um peregrino do Vietnã

– Eles estavam animados e foram muito atenciosos. Saí falando com todo mundo, pois tive medo de não conseguir os entrevistados para a matéria, mas deu

tudo certo – declarou Nicole. Repórter do Núcleo de Assessoria e Rádio, Pedro Magalhães confirmou que a cobertura da Jornada Mundial deu

o gostinho do que será o seu futuro profissional.

– O legal é estar na rua, experimentar, conhecer pessoas e buscar o furo de reportagem. •

Jornada mundial dos jornalistas

Repórteres de todos os cantos do mundo vieram ao Brasil cobrir a JMJ

FELIPE MARQUES

Não foram apenas os peregrinos que deixaram o país de origem para ver de perto o Papa Francisco e participar dos atos da Jornada Mundial da Juventude (JM). Nos bastidores, com terno e gravata, e armados com gravadores, câmeras, blocos e canetas, os integrantes do exército da notícia também vieram de longe para cobrir a primeira viagem do Pontífice após ser escolhido como Papa.

Entre os mais de 6 mil jornalistas credenciados para a JM, Astrid Prange, profissional da empresa radiodifusora Deutsche Welle, saiu da cidade de Bona, na Alemanha, para fazer a cobertura no Brasil. Coberta de casacos, ela não acreditava que encontraria o frio que se estabeleceu no Rio na manhã de sábado, 27. A surpresa foi encontrar jovens tão alegres e tão empolgados.

– A alegria me surpreendeu e o Papa conseguiu empolgar os jovens. Na Alemanha, seria um pouco mais difícil. Gostei de ver isso – disse.

Jornalista há 25 anos e com experiência em eventos internacionais, Astrid, na JM, não tinha uma carga horária definida, trabalhava quando era necessário.

– Não é todo dia que a matéria é requisitada. Às vezes, são duas matérias por dia, às vezes



Rocco Cotroneo, correspondente do jornal italiano Corriere della Sera, não se espantou com a empolgação da massa católica



Kevin Walker, da Associated Press, reconheceu o desafio do Brasil em receber tantos estrangeiros e elogiou a organização do evento

FOTOS FLAVIA ESPÍNDOLA



Astrid Prange, da empresa radiodifusora alemã Deutsche Welle, se encantou com a alegria dos jovens



Matias Hildt, na JM, cuidava de um portal de notícias e tinha dificuldades para separar o lado católico do lado profissional

não tem matéria. Podem ser cinco horas, doze horas... – explicou.

Diferente de Astrid, o jornalista argentino Matias Hildt, que cuidou do abastecimento de um portal de notícias e ofereceu suporte a duas rádios e uma diocese, trabalhou quatro horas por dia e admitiu que o expediente era curto para um evento de proporções internacionais.

– Estamos fazendo quatro horas de trabalho por dia. Não é muito, mas é o que está dentro do planejado – contou.

A JM do Rio foi o primeiro evento internacional em que Matias, 27 anos, atuou como jornalista. Católico e inscrito como peregrino, ele confessou que não é fácil separar o lado profissional do lado religioso, mas foi preciso fazer.

– Estamos tendo uma experiência como peregrinos também, além de participar da imprensa. O impacto para a gente é muito grande. Perceber como as pessoas recebem esse conteúdo tão importante de espiritualidade e compartilhamento de coisas cotidianas... A verdade é que é impressionante e inacreditável – exclamou.

Enquanto a animação de Matias em sua primeira cobertura internacional era visível, a de outros, como o caso do correspondente Rocco Cotroneo, do jornal italiano Corriere della Sera, era comedida. No Brasil há 15 anos, Rocco é veterano de grandes eventos.

“Estamos aqui como peregrinos e como jornalistas. O impacto para a gente é muito grande”

Matias Hildt

– Eu já cobri vários eventos assim. É bom ver o povo feliz, mas para mim, como jornalista, já é bastante normal – constatou.

Católico, Rocco acha que o destino do Santo Padre para a sua primeira viagem internacional não poderia ter sido mais bem escolhido.

– O Papa está aparentemente muito feliz. Foi o lugar ideal para a sua primeira viagem. Ele está incrível – analisou.

Embora abalada por imprevistos, a organização da JM recebeu elogios de todos os jornalistas entrevistados. Kevin Walker, da Associated Press, enfatizou a dificuldade da recepção dessa vasta gama de peregrinos.

– É um grande desafio receber tantas pessoas, e temos segurança, temos transporte... Está realmente muito bom – comentou. •

Pluralidade de diálogo na Universidade

Encontro entre jovens de religiões diferentes antecipa o clima da JMJ

HUGO PERNET

Com o objetivo de estabelecer diálogo entre as religiões católica, muçulmana e judaica, aproximadamente 150 jovens das três crenças se reuniram no Auditório Padre Anchieta. Dois representantes – padres, rabinos e sheiks – de cada religião também participaram do Encontro Inter-Religioso Juventude: Força de engajamento, força de fé, realizado pela primeira vez às vésperas da Jornada Mundial da Juventude (JMJ). O resultado do Encontro foi a elaboração de um termo de compromisso, estruturado pela Juventude Inter-Religiosa do Rio de Janeiro (JIRJ).

Entre as principais medidas

escritas no documento estão a desconstrução de estereótipos e combate de qualquer tipo de preconceito e intolerância religiosa. Conhecer as atividades religiosas já existentes e realizar ações educacionais e culturais em conjunto ainda foram citados pelos jovens, divididos em 12 rodas de conversa. Estes pontos também foram inseridos no documento.

Antes do momento de reflexão entre os participantes, o Reitor da PUC, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., e o Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani Tempesta, O.Cist., defenderam a promoção da paz, fraternidade e respeito entre fiéis de ideologias distintas.

– Começamos bem a Jornada no ponto central, que é acolher as

diferenças. O Papa Francisco tem insistido muito na importância de saber dialogar com a diferença. As três religiões estão unidas em busca de um mundo de fé, não como apêndice da vida, mas parte central – afirmou o Reitor.

O catolicismo, o judaísmo e o islamismo são religiões monoteístas que creem no mesmo Deus. Entre as três ideologias, somente a católica acredita na Santíssima Trindade: Deus pai, Filho e Espírito Santo. Para Dom Orani, cada fiel deve viver feliz a própria religião, em harmonia com as diferenças.

– Temos aqui um grande exemplo: o rabino Abraham Skorka tem contato íntimo com o Papa Francisco. Trabalharam muito tempo juntos em

Buenos Aires. Isso demonstra o espírito que deve reinar em nosso tempo – argumentou.

– Vai chegar um momento em que Deus vai adotar um idioma novo como ocorreu na Torre de Babel. Assim, com um idioma único, haverá um pensamento único – complementou Skorka.

Facilitado pela figura de Abraão, o diálogo entre judeus e católicos, no Rio de Janeiro, teve origem cinco décadas atrás. Há um ano, a religião islâmica foi inserida ao contexto. Em respeito à religião islâmica, não houve *coffee break* durante o Encontro. No mês mais quente do ano é celebrado o Ramadã, época em que os muçulmanos devem jejuar durante o dia. •



Dom Orani Tempesta (C) ao lado do rabino Eliahu Haber (E) e do sheik Jihad Hassan (D).

JORGE PAULO

Juventude em encontro eucarístico

Com alegria e animação, diversas nacionalidades dividiram o Ginásio da PUC

LUANA CHAGAS

Num frio espantoso os peregrinos que se reuniram no Ginásio da PUC para o encontro do Movimento Eucarístico Jovem, o MEJ, na quarta-feira, 24, em paralelo com a Jornada Mundial da Juventude (JMJ). Na entrada, meninas davam as boas-vindas. A quadra lotada e os jovens empolgados já mostravam as características marcantes dos eventos da JMJ: a diversidade e a animação.

Na quadra angolanos, chilenos, franceses, suíços, mexicanos, taiwaneses, vietnamitas, libaneses e, claro, brasileiros e argentinos, faziam a festa da juventude católica. Todos jovens, não pela idade, mas pelo espírito. O evento teve muita música, cantos religiosos e uma representação simbólica dos elementos da Eucaristia. Daniel Vu, 20 anos, é vietnamita, mora na Califórnia e é integrante do MEJ, grupo que considera uma família e que permite uma aproximação maior com suas origens.

– Fazer parte disto é como ter mais uma família. Estamos sempre olhando para o outro – diz.

Durante todo o encontro foi perceptível o entusiasmo e o respeito dos participantes nos momentos de reflexão. Coordenador Mundial do MEJ, Claudio Barriga, considerou o evento um sucesso, celebrado com muita alegria.

– A festa já começou desde o primeiro momento. Os jovens estavam muito contentes e nós também – declarou Claudio.

O primeiro encontro do Movimento Eucarístico Jovem em uma Jornada foi em Madri, onde o espaço ficou pequeno para os 700 integrantes do movimento. Por isso, para a atual JMJ, buscaram um lugar maior que pudesse receber a todos os participantes. De raiz jesuíta como a PUC, Claudio diz que o MEJ se “sentiu em casa” na Universidade.

– Com generosidade a PUC nos acolheu e nós agradecemos muito – disse. •

O jovem como guardião do meio ambiente

Conferência na PUC-Rio discute legado ecológico e sustentável da JMJ

LUÍSA LACOMBE

Religiosos e profissionais relacionados à área de ecologia se encontraram na Conferência de Sustentabilidade na PUC-Rio, no dia 22 de julho. O evento fez parte da programação da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) e tinha como objetivo discutir o legado ambiental que será deixado pela JMJ. Durante a conferência, foi apresentado o Guia Ecológico da Jornada Mundial da Juventude. O documento foi elaborado pelo Reitor da PUC, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., e pelo diretor do Núcleo In-

terdisciplinar de Meio Ambiente da Universidade (Nima), professor Luiz Felipe Guanaes, a pedido da Arquidiocese do Rio.

Durante a conferência, foi lembrado o papel do jovem como guardião do meio ambiente que o cerca, e da ligação do Papa Francisco com as questões ambientais. O Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani Tempesta, citou os diversos aspectos da Jornada, reforçando o social e o ecológico. Ele ressaltou o papel dos jovens e lembrou que todos estão em posição de aprender e observar.

– O jovem pode ser também o protagonista de um mundo



O reitor da PUC-Rio diz que se deve usar razão e sensibilidade para as questões ambientais

sustentável. A mensagem ecológica chega de diversas formas – afirmou.

Padre Josafá comentou a importância de se usar a razão e a sensibilidade ao lidar com as questões ambientais, criando um equilíbrio entre os aspectos de dom e a tarefa que elas têm.

– É preciso usar o Logos e o Pathos, a razão e a sensibilidade. De nada adianta o conteúdo se nosso coração não está aberto a praticar

o que ouvimos – observou.

Para o coordenador de graduação do Departamento de Teologia, padre Abimar Oliveira de Moraes, é preciso um aprofundamento das questões tratadas.

– A consciência já existe, agora é preciso aprofundar não só o conteúdo, mas também as atitudes. Na Jornada, a PUC-Rio se propõe a ser um centro de pesquisa e referência de serviço à sociedade – comentou. •

O mais, o maior e o melhor

NICOLE LACERDA

Magis era um termo usado por Santo Inácio de Loyola em latim, que significa o mais, o maior, o melhor. Quer dizer que é sempre possível experimentar um avanço em relação aquilo que fazemos ou vivemos. Com esse sentimento de querer descobrir mais sobre outras culturas e comunicar o amor de Deus, peregrinos da região amazônica do Brasil, França, Alemanha, Estados Unidos e Austrália, que cultivam a espiritualidade inaciana, se hospedaram no ginásio da PUC-Rio para trocar experiências socioculturais no Magis Brasil, evento que antecedeu a Jornada Mundial da Juventude (JMJ).

O projeto dividiu os jovens em seis experiências: ação so-

cial, peregrinação, inserção sociocultural, artes, ecologia e espiritualidade. A PUC abrigou o grupo de ação social, que tinha como objetivo reformar as salas de aula do Instituto Nossa Senhora de Lourdes (Inosel), escola católica infantil, que oferece ensino básico para 268 crianças ouvintes e surdas, no Parque da Cidade, na Zona Sul.

Para o jovem Geniel Medeiros, de Manaus, a experiência no Magis foi importante, pois os peregrinos perceberam o quanto a cultura do outro pode ser parecida com a sua.

O Magis é uma congregação jesuíta, e a JMJ seria o primeiro encontro com o Papa Francisco, primeiro Pontífice jesuíta da história da Igreja Católica. •



Peregrinos jesuítas do grupo de ação social reformaram as salas de aula da escola Inosel

RENATA SPOLIDORO

Lições de Francisco



WEILER FILHO

“Acho que nesse momento a civilização mundial exagerou no culto ao deus dinheiro. Os jovens devem lutar pelos valores e os idosos devem transmitir a sabedoria dos povos. A fé em Jesus Cristo não é uma piada, é muito sério.”

Papa Francisco
Quinta-feira, 25 de julho

“Porque a Igreja é mãe, e nem você nem eu conhecemos uma mãe por correspondência. A mãe dá carinho, toca, beija, ama. Quando a Igreja, ocupada com mil coisas, se descuida dessa proximidade, se descuida disso e só comunica com documentos, é como uma mãe que se comunica com seu filho por carta”

Papa Francisco
Domingo, 28 de julho



JORGE PAULO

“Eu peço que vocês sejam revolucionários, que vão contra a corrente, que se rebelem contra esta cultura do provisório. Tenham a coragem de ir contra a corrente. Tenham a coragem de ser felizes!”

Papa Francisco
Domingo, 28 de julho

“Gostaria de chamar a atenção para três simples posturas: conservar a esperança; deixar-se surpreender por Deus; e viver na alegria”

Papa Francisco
Quarta-feira, 24 de julho

“Corremos o risco de criar uma geração que nunca terá trabalhado. A crise mundial não está tratando bem os jovens. Trabalho dá dignidade à pessoa e habilidade para ganhar o pão”

Papa Francisco
Segunda-feira, 22 de julho

“Sei bem que quando alguém que precisa comer bate na sua porta, vocês sempre dão um jeito de compartilhar a comida: como diz o ditado, sempre se pode colocar mais água no feijão! E vocês fazem isto com amor, mostrando que a verdadeira riqueza não está nas coisas, mas no coração!”

Papa Francisco
Quinta-feira, 25 de julho

JORGE PAULO



“Não se cansem de trabalhar para um mundo mais justo e solidário. Ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que ainda existem no mundo”

Papa Francisco
Quinta-feira, 25 de julho

Sociedade jovem representada

Santo Padre, sua bênção. Acredito que todos aqui se sentem emocionados e honrados por estar neste fraterno encontro, mas vendo o olhar de cada um e cada uma aqui presente acredito que todos estejam mais calmos do que eu. Saúdo a Dom Orani, nosso Arcebispo, que tanto trabalhou para que a Jornada Mundial da Juventude acontecesse aqui no Rio de Janeiro, e saúdo a todas as autoridades religiosas aqui presentes. (...) Eu me chamo Walmyr Junior, tenho 28 anos e participo da Pastoral da Juventude da Arquidiocese do Rio de Janeiro. (...)

Por ser morador da favela Marclício Dias, no Complexo da Maré, e ser órfão de pai e mãe, acredito que tinha tudo para fazer parte das estatísticas e ser mais um jovem até mesmo exterminado por conta da violência de nossas cidades. Sempre presenciei, no local onde moro, o tráfico de drogas utilizando-se da juventude como mão-de-obra barata. Quando tive a experiência de usar drogas pela primeira vez, senti na minha pele as dores da juventude marginalizada pela dependência química. Superei essa fragilidade quando recebi o incentivo da minha paróquia a fazer uma experiência de voluntariado dentro da comunidade paroquial. Desde então, decidi reescrever minha história. E agora me alegro em poder dizer que, com uma bolsa de estudo, eu me formei como professor de história na PUC-Rio, universidade administrada pelos jesuítas aqui no Rio de Janeiro.

Quero dizer que para mim é uma honra poder representar a



Walmyr recebe abraço do Papa Francisco em encontro no Theatro Municipal

sociedade civil, e em nome desta sociedade poder aqui falar. (...) Aqui, Santo Padre, encontram-se pessoas que colocaram seu conhecimento e seus sentimentos, seus dons e habilidades, suas vidas e toda sua esperança para que, neste mundo, exista cada vez mais paz, justiça, esperança, concórdia e reconciliação.

Ser porta voz da sociedade civil é um desafio para mim, pois estamos diante das câmeras, e através delas, falamos ao mundo! Sim, falamos também a todos os cantos do continente digital. Pena, Santo Padre, que também através delas sejam escondidas tantas incoerências e desigualdades, tanta pobreza e morte, tanta miséria e infelicidade.

Junto comigo trago a vida de todos os meus irmãos que, por diversas maneiras, não puderam

e não podem experimentar a alegria que sentimos hoje. Trago, por exemplo, a lembrança dos jovens que foram exterminados aqui bem perto, nos arredores da Igreja da Candelária. Trago aqui os jovens que, no início deste ano, na busca de diversão, foram vitimados por um incêndio na cidade de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul. Trago os jovens dependentes químicos e moradores de rua. Trago também os jovens causadores das inúmeras formas de violências, jovens que infelizmente hoje exterminam outros jovens. Também eles são meus irmãos!

Mas, Santo Padre, não trago comigo apenas tristeza e lembranças dos meus irmãos e irmãos vitimados pela violência. Trago os jovens que sonham com um novo amanhecer, que

constroem um mundo novo, que partilham suas vidas. No Brasil, os jovens foram às ruas e reivindicaram seus direitos para ter uma vida digna, com educação básica de qualidade, saúde, transporte e segurança. Sou pequeno diante dessa multidão. É por essa sede de “vida em abundância” que tenho a esperança de um dia poder ver as pessoas se amando e se respeitando ainda mais, e ver homens e mulheres, crianças e adolescentes, idosos e jovens juntos construindo a civilização do amor. Há um tempo perguntava a Deus por que a desigualdade e a violência existiam. E em Deus encontrei a resposta: porque amar o próximo está tão fora de moda.

Para mim, Santo Padre, esta resposta sobre o amor fora de moda não representa uma afirmação, mas uma provocação. Olhei para a minha história e, mesmo sem meus pais, ter perdido meu pai e minha mãe, fui amado pela minha família. Eu me via amando as pessoas, eu me via lutando pela liberdade e pelos direitos para a juventude, ou seja, o amor não estava fora de moda, porque eu amava o próximo. Nunca quis somente conseguir um emprego estável terminando aí meus ideais. Não queria apenas completar meus estudos e ser feliz. Eu sempre quis mudar a minha vida mudando a vida de outras pessoas. Esta é para mim uma tarefa constante: ser útil, amando e sendo amado. Este é para mim o sentido de uma vida em sociedade. (...) Santo Padre, abençoe nossa juventude e abençoe a todos nós!

Walmyr Junior

EX-ALUNO DO CURSO DE HISTÓRIA DA PUC-RIO